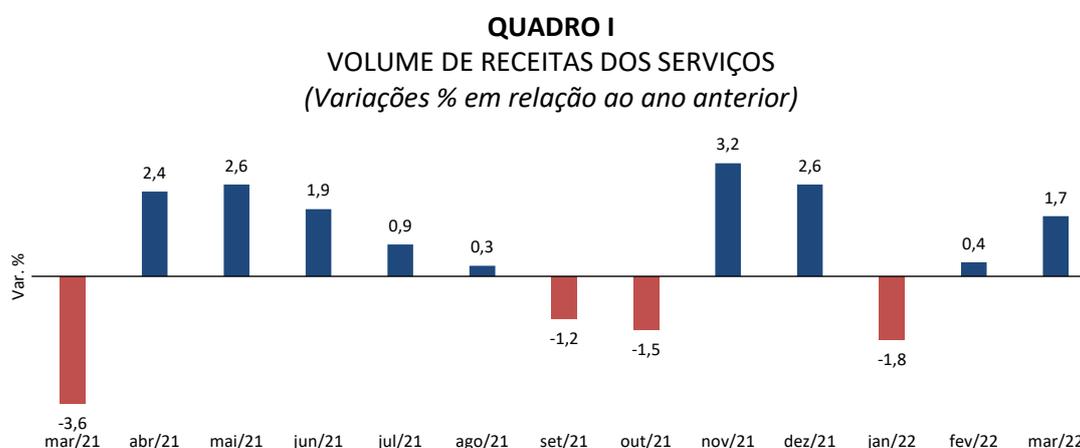


VOLUME DE RECEITAS DE SERVIÇOS TEM MELHOR MÊS DE MARÇO DA SÉRIE HISTÓRICA

Beneficiados pela retomada na circulação e por reajustes de preços abaixo da inflação, serviços puxam recuperação com volume de receitas 7% acima do período pré-pandemia. Apesar de acumular mais de R\$ 500 bilhões em perdas, turismo se aproxima do nível de receitas de fevereiro de 2020.

O volume de receitas do setor de serviços cresceu 1,7% no comparativo entre os meses de março e fevereiro de 2022, já descontados os efeitos sazonais, de acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada hoje (12 de maio) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nos últimos cinco meses, o setor de serviços avançou em quatro oportunidades. A alta de 1,7% foi a maior para meses de março desde o início da PMS em 2011.

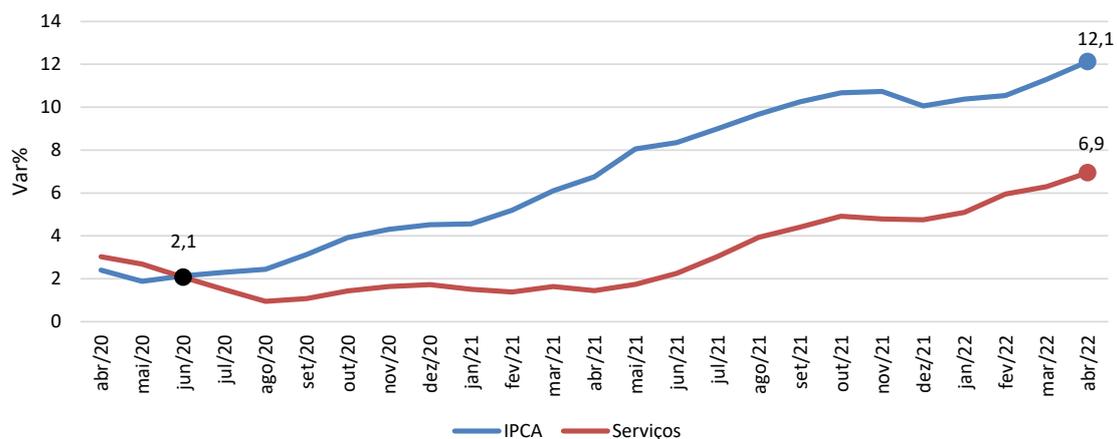


Fonte: IBGE

Os serviços prestados às famílias (+2,4%) e os de transportes (+2,7%) foram os segmentos com as altas mais expressivas no mês. Além do “efeito circulação”, que tem impulsionado essas atividades desde a segunda metade do ano passado, os serviços ainda não têm sido tão castigados pela aceleração da inflação, nos últimos meses, quanto outros setores.

Em que pese o fato de que a disseminação da alta de preços se encontra sobremaneira elevada, o ritmo de reajuste nos preços dos serviços ainda corresponde a pouco mais da metade da alta apresentada pelo IPCA no acumulado de 12 meses até abril (+6,9% ante +12,1%, respectivamente).

QUADRO II
EVOLUÇÃO DO IPCA E DO IPCA SERVIÇOS
(% acumulado em 12 meses)



Fonte: IBGE

Apesar de ter sido o último setor a reagir às consequências econômicas adversas desencadeadas pela pandemia, as atividades de serviços foram aquelas que apresentaram a maior capacidade de recuperação em relação aos demais setores da economia com alta de 7% em relação a fevereiro de 2020.

QUADRO III
INDÚSTRIA, COMÉRCIO, SERVIÇOS E TURISMO: NÍVEIS DE ATIVIDADE DE MARÇO DE 2022 EM
RELAÇÃO A FEVEREIRO DE 2020
(Variações % em relação às médias de janeiro e fevereiro)

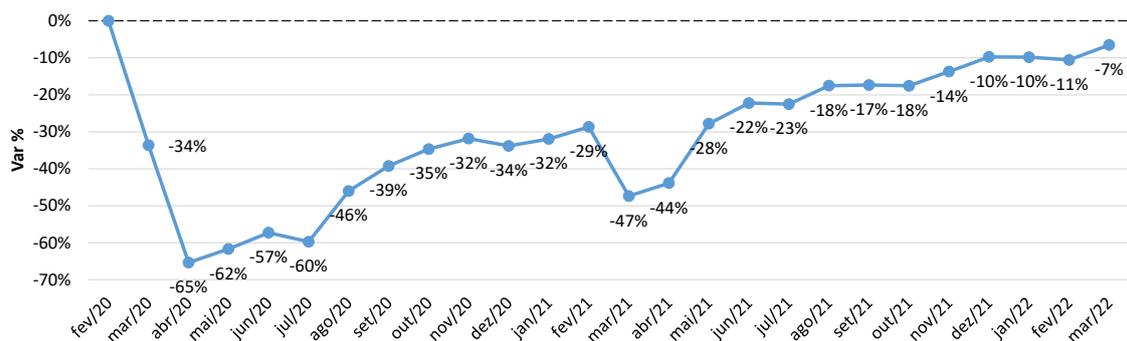


Fonte: IBGE

Para o turismo, no entanto, o quadro adverso vem se revertendo de forma gradual. Ao contrário dos demais serviços, as atividades turísticas ainda operam “no vermelho”, em relação ao início da crise sanitária, embora haja, claramente, uma tendência de redução das perdas mensais ao longo dos últimos meses.

A queda no volume de receitas do turismo em relação a fevereiro de 2020, que chegou a 65% em abril daquele ano, acusou tendência de recuperação após a primeira e segunda ondas da crise sanitária, e a tendência é que o setor restabeleça, no terceiro trimestre deste ano, o nível de receitas anterior à crise sanitária.

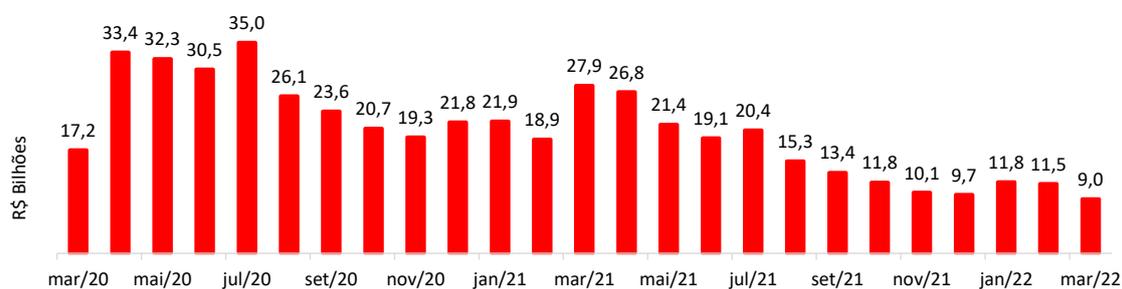
QUADRO IV
VOLUME DE RECEITAS DO TURISMO
(Var. % em relação a fevereiro de 2020)



Fonte: IBGE

Até lá, as perdas seguem se acumulando, embora em ritmo menos intenso. Segundo levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), baseado nas pesquisas do próprio IBGE, o turismo brasileiro já acumula um prejuízo de R\$ 508,8 bilhões desde o início da crise sanitária. Em março, a diferença entre a geração efetiva de receitas e o seu potencial mensal registrou perda de R\$ 9,0 bilhões. Os Estados de São Paulo (R\$ 222,1 bilhões) e Rio de Janeiro (R\$ 66,1 bilhões) concentram 57% da perda nacional.

QUADRO V
PERDAS MENSAIS DE FATURAMENTO DO SETOR DE TURISMO BRASILEIRO ENTRE MARÇO DE 2020 E MARÇO DE 2022
(R\$ Bilhões)



Considerando as previsões de baixo crescimento econômico para 2022, a expectativa é que as atividades terciárias não apresentem taxas próximas às do ano passado. A tendência, portanto, é que o setor ainda apresente taxas expressivas no comparativo interanual, nos próximos meses, em virtude da baixa base comparativa do início de 2021 e do efeito retardado sobre os preços de serviços - o que deverá ganhar força adiante, na medida em que a difusão da inflação permanece elevada.

A CNC revisou de +0,9% para +1,6% sua projeção para o setor de serviços neste ano. De forma semelhante, o turismo, afetado pela conjuntura econômica menos favorável, tende a crescer menos também neste ano (+2,4%) do que em 2021 (+22,1%).